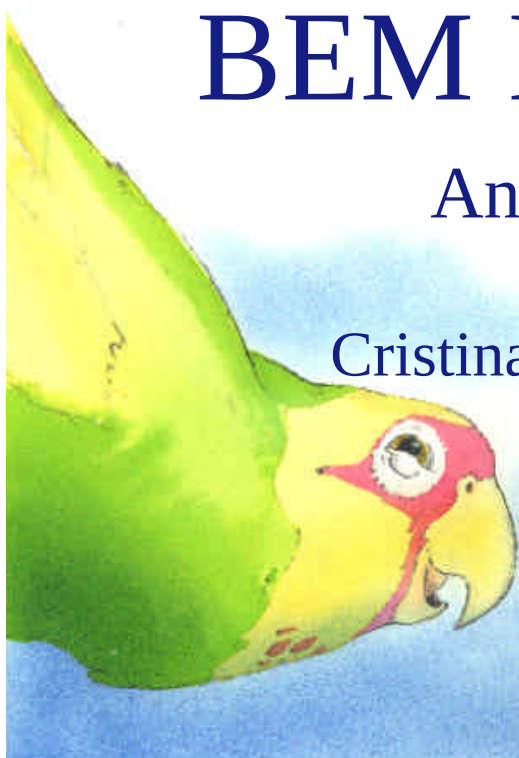


O PAPAGAIO BEM ENSINADO

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



Era um papagaio muito bem ensinado. Tinha poiso à porta de uma mercearia. De uma vez que o merceeiro estava lá para dentro, um freguês, por pirraça, ensinou o papagaio a dizer:

– Está tudo podre.

E o papagaio, de aí em diante, não disse outra coisa. O anúncio, lançado aos quatro ventos, afastava a clientela. Mal chegava alguém ao balcão da mercearia, o papagaio avisava:

– Está tudo podre.

Ficava furioso o merceeiro:

– Este papagaio leva-me à ruína – dizia o merceeiro. – Tenho de dá-lo.

E assim fez. Deu-o a um barbeiro.

Por sinal que o tal malandro, que convencera o papagaio a dizer "Está tudo podre", também frequentava a barbearia. À sucapa, ensinou-o a dizer:

– Corta-lhe a orelha.

O papagaio passou a repetir. Por tudo e por nada, assim que o cliente se sentava na cadeira, o papagaio pedia:

– Corta-lhe a orelha.

Isto enervava o barbeiro e enervada o barbeado.

– Tenho de ver-me livre deste animal – disse o barbeiro.

E atirou-o pela janela. Mas o papagaio, que não estava habituado à liberdade, voltou a poisar no parapeito. Isto uma, duas, três vezes, até que o barbeiro, já exasperado com a teima do passaroco, foi buscar uma caçadeira e deu uns tiros para o ar, só para afugentá-lo, enquanto gritava:

– Rua! Rua!

O papagaio esvoaçou, a princípio atarantado, mas depressa ganhou altura e voou feliz. Passado muito tempo, foi ter a um armazém em ruínas. Cansado da viagem, acolheu-se a um recanto protegido e adormeceu.

Ora o armazém era frequentado, à noite, por duas quadrilhas de contrabandistas e ladrões, que aí faziam as suas trocas e baldrocas.

Estavam os membros das duas quadrilhas a descarregar e a carregar fardos, quando o papagaio, acordado com o barulho, soltou o aviso, ainda trazido do sonho e das suas recordações:

– Está tudo podre.

– Quem é que disse que está tudo podre? – perguntou o chefe de um dos bandos.

Nisto, ouviu-se uma voz a gritar:

– Corta-lhe a orelha.

Pior ainda. Armou-se uma zaragata entre os dois grupos, em que ninguém ficou de fora.

Então, o papagaio assustado lembrou-se dos tiros da caçadeira com que o último dono o afugentara. Deu-lhe para reproduzi-los, enquanto imitava também a voz do barbeiro:

– Rua! Rua!

Os bandidos, assim que ouviram os disparos, saltaram de medo, supondo que era a polícia. Fugiram todos, rua fora, largando tudo.

O papagaio bem ensinado acertara, ao menos uma vez, no que dizia.

FIM